

“Mas há algo de contorno ou travessia no dia”: entrevista com Francesca Cricelli

“Mas há algo de contorno ou travessia no dia”: interview with Francesca Cricelli

Sandro Adriano da Silva¹
Cleber da Silva Luz²

RESUMO: Entrevista com a poeta, tradutora e pesquisadora Francesca Cricelli.

ABSTRACT: Interview with poet, translator and researcher Francesca Cricelli.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia brasileira contemporânea; Tradução; Francesca Cricelli.

KEYWORDS: Contemporary Brazilian poetry; Translation; Francesca Cricelli.

-
- 1 Professor de Teoria Literária e Literatura brasileira da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) *Campus* de Campo Mourão. Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e doutorando em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
 - 2 Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor de Língua Portuguesa do Sistema Elite de Ensino.



Francesca Cricelli é poeta, tradutora e pesquisadora. Com pesquisa acerca das cartas de amor de Giuseppe Ungaretti à Bruna Bianco, a escritora é mestra em Ciências Políticas e doutora em Literaturas Estrangeiras e Tradução, ambas as titulações pela Universidade São Paulo – USP. Graduou-se em *Media* e *Giornalismo* pela Università degli Studi di Firenze.

Publicou, em poesia, as obras *Repátria* (2015, Demônio Negro; 2017, Carta Canta), *16 poemas +1* (2017, edição da autora; 2018, Sagara Forlag) e *As curvas negras da terra* (2019, Nosostros). *Errância* (2019) é uma obra múltipla, que reúne crônicas de viagem, poemas, traduções e um texto autoficcional em prosa.

No ofício da tradução, Cricelli traduziu para o português obras de Elena Ferrante, Igiaba Scego, Jhumpa Lahiri, Claudia Durastanti entre outros. Atualmente, a poeta mora em Reykjavík, onde estuda língua e literatura islandesa, e se dedica à escrita, à tradução e à maternidade.

No que concerne à cena literária brasileira, Francesca Cricelli pode ser considerada uma poeta representativa do gênero, sobretudo pelo trânsito entre as línguas, culturas, nacionalidades com quais as convive e pelas quais viaja ao redor do mundo. A viagem, inclusive, se revela um tema recorrente na obra da poeta, comparecendo sobremaneira nas crônicas de Cricelli, que registram, entre outros momentos, os festivais de poesia, compartilhando, assim, a literatura brasileira além das fronteiras brasileiras. Nas palavras da poeta e professora universitária Prisca Agustoni, em prefácio à obra *Errância*, na obra de Francesca Cricelli é possível traçar “caminhos inesperados no território, nos afetos e nas línguas” (2019, p. 7).

Buscando estabelecer um diálogo acerca de sua obra, apresentamos a entrevista que segue, realizada entre os meses de janeiro e abril de 2022, por e-mail, na qual Francesca Cricelli reflete sobre o lugar da poesia e da/do poeta no contexto de um Brasil devastado pela política do atual governo; sobre a sensação de não-pertencimento relacionada aos descolamentos culturais; os principais temas que norteiam

seus escritos, como a melancolia, a morte, o erotismo, o silêncio... Outras linhas de forças de sua poesia também são postas em evidência, como o trabalho de tradução, de autotradução e das relações entre sua obra e a literatura italiana. Por fim, a poeta comenta sobre sua compreensão da linguagem poética na dimensão do gesto criador.

Cleber da Silva Luz e Sandro Adriano da Silva: Poesia, ainda?

Francesca Cricelli: Poesia sempre, mesmo quando não escrevo. Poesia como forma de estar no mundo em busca de uma palavra, de uma visão, de um encaixe.

Cleber da Silva Luz e Sandro Adriano da Silva: Em “Correspondência entre ausentes”, crônica escrita em março de 2017, ao contar sobre o festival de poesia que participou em Granada, na Nicarágua, você relembra ter comentado o golpe ocorrido no Brasil, no ano anterior, 2016. Você afirma, nesse mesmo texto, que “lutar por um espaço de liberdade e paz é em si um ato político” (p. 25). À vista disso, como você vê o lugar da poesia, e do papel do poeta e da poeta frente a um país assombrado pelo espectro de um governo fascista, genocida e destruidor?

Francesca Cricelli: Penso o quão assustador tornou-se o mundo e o Brasil desde que fiz aquela viagem. Também para os meus amigos escritores que moram na Nicarágua. Certamente não imaginava o quão terrível seriam os anos seguintes. A poesia é sempre matéria de resistência quando não se é um poeta “oficial” de um país. É uma arte pobre, não tem nenhum valor agregado e por essa sua natureza marginal sobrevive a tantas intempéries. Não consigo atribuir um papel nem à poesia nem ao poeta – o que devem fazer sob fascismo? Resistir, denunciar. Sob a democracia? Observar, narrar, ir aonde os olhos não chegam. Dito isto, não acredito muito em poesia engajada. Mas não é possível fazer poesia sem estar atravessado pela política e pela história. Como sujeitos, estamos inseridos num presente e estamos em relação com o nosso passado, sob esse prisma toda poesia é política (em alguma medida) e



testemunha um momento histórico. Sinto que a poesia e a leitura em geral tornam-se mais urgentes diante da barbárie que nos assola, tanto como refúgio quanto como lente interpretativa. Eu continuo lendo muita poesia e traduzindo o que posso. Esse seria o momento para traduzir e publicar livros de poesia escritos em outros momentos históricos sob outras ditaduras em outras línguas, fazer um corpo a corpo com essas palavras até encontrarmos as nossas em meio à afasia. Penso em *Canto a su amor desaparecido* de Raul Zurita.

Cleber da Silva Luz e Sandro Adriano da Silva: Versos do poeta Dirceu Villa estão dispostos como epígrafe do seu primeiro livro: “um apátrida em seu próprio país/ um apátrida em qualquer parte”. Nesses versos lemos duas percepções sobre a imagem de um “apátrida”, imagem que percorre diversos cantos de seus escritos. É uma condição de não-pertencimento em relação à sua produção literária? E isso se relaciona também à sua experiência transcultural?

Francesca Cricelli: Acho que a epígrafe com os versos de Dirceu traduz um sentimento de estar no mundo e de certa forma anuncia o que está por trás dos poemas contidos naquele livro. Esse não-pertencimento mais como experiência vivida do que produção literária. Claro que há o desejo de ser lida, mas o desejo de criar vínculos, raízes e pertencimento é anterior à escrita, tem suas origens na infância, talvez o primeiro desterro de qualquer sujeito. A escrita nasce como tentativa de nomear ausências e ser tessitura de vínculos, construção de jangadas para zarpar de uma ilha à outra na solidão do ser. Minha experiência biográfica fala de múltiplas migrações, então de uma vivência transcultural, mas *Repátria* abre uma janela para outros desterrados e solidões. Não acho que foi minha intenção, mas é o que percebo no retorno de leitores em vários cantos do mundo.

Cleber da Silva Luz e Sandro Adriano da Silva: Há um pathos melancólico presente em suas obras, tanto em poesia quanto em prosa, de maneira bastante

recorrente, sobretudo diante das imagens da dor, do vazio, da falta, do amor e da morte. Poderia comentar a dimensão que estes temas assumem em seus textos?

Francesca Cricelli: Fiquei pensando agora: será que esse traço desapareceria com a chegada do meu filho, minha maior alegria? Mas acho que não. Sinto que há sempre uma gravidade nas coisas, o maior amor que já senti (que é o de ser mãe do meu filho) também está atravessado por muita ambivalência – não só pelo papel imposto socialmente às mães, mas porque é próprio da existência esse sentimento. Um filho é um rasgo sem remendo. Minha escrita nasce sempre de um imperativo, de uma necessidade de conhecer algo que só irá se revelar no processo de escrevê-lo. Ao mesmo tempo, minha escrita só pode existir no tempo roubado ao tempo da produção mais clássica. Antes da minha escrita há meu trabalho como tradutora literária, meu ganha pão, por muitos anos havia também meu trabalho acadêmico, agora há meu filho, o cotidiano doméstico... mas eu continuo escrevendo mesmo quando não escrevo, estou sempre em processo de escrita. Escrevo enquanto leio, enquanto traduzo, enquanto vejo meu filho dormir. Nesse sentido, sou mais partidária de Glória Anzaldúa do que Virginia Woolf. Agora respondo à sua pergunta sentada na cama, meu filho dorme em meu colo, um seio está fora da blusa, os olhos oscilam entre a tela do celular e a janela do quarto. Lá fora, a última neve antes da chegada definitiva da primavera, um sol frio e intenso reluz sobre o atlântico norte, azul e prateado. O céu está limpo de nuvens, mas o azul nesta latitude nunca é intenso, está sempre um pouco esmaecido. A melancolia é uma lembrança lúcida de quem já fez a travessia do luto múltiplas vezes, de quem sabe que esse ciclo não termina – nascer e morrer muitas vezes enquanto estamos vivos. Acho que não respondi direito, mas por vias tortas, à sua pergunta.



Cleber da Silva Luz e Sandro Adriano da Silva: “Há que se fazer o silêncio”... enuncia o eu poético do poema que abre *Repátria*. O silêncio, sob diferentes tons e poéticas, comparece em toda sua poesia. O que pode dizer/calar o silêncio?

Francesca Cricelli: O som, a palavra, precisam do silêncio para existir. O silêncio é sempre meu ponto de partida, só quando “se faz o silêncio” podemos ouvir uma conversa num ônibus, num banco em frente ou atrás de nós, talvez alguma palavra naquela conversa entre desconhecidos faça um conluio com um pensamento ou com um gesto e aí talvez nasça um verso. Esse silêncio interior pode ocorrer em meio ao caos urbano, muitos poemas do *Repátria* foram se escrevendo enquanto eu andava de metrô ou ônibus pela cidade. Já aqui na Islândia, em geral, estou imersa no extremo oposto, o silêncio de uma capital que é grande como um povoado, o silêncio da baixa densidade populacional, da ausência de conhecimento da língua. Esse tipo de silêncio abre espaço para que outros ruídos sejam ouvidos, ruídos internos. O que produz em mim esse amontoado de signos desconhecidos?

Cleber da Silva Luz e Sandro Adriano da Silva: Alguns poemas de seus livros trazem como título datas e espacializações. Pode-se dizer que essas referências constituem uma forma de “recuperação da paisagem” por meio da écfrase e da memória?

Francesca Cricelli: Fiquei pensando aqui que um poema ecfástico seria a descrição vívida de uma cena ou de uma obra de arte, sinto que é sim um recurso muito presente em minha escrita, mas sei que não é uma escolha consciente, muitas vezes é uma forma de exercício sobre o qual não sinto ter um completo domínio. Gosto de fruir da arte em suas diversas manifestações, é algo que alimenta minha existência e por isso respinga na escrita. Quanto às datas e espacializações, não há um registro proposital ou sistemático, mas algumas vezes os poemas levam essa informação. Às vezes, apago esse detalhe, outras vezes ele permanece, como se fosse um lembrete para mim mesma – olha só onde você estava neste dia. A escrita é sempre uma for-

ma de recuperação, para mim, da paisagem não só física, mas da paisagem como memória. Mas todo esforço para recuperar uma lembrança mistura-se à invenção, é sempre uma ficção o que conseguimos narrar a nós mesmos.

Cleber da Silva Luz e Sandro Adriano da Silva: Traduzir, Traduzir-se, *Intradução*... Poderia comentar especialmente sobre esta última noção que aparece em *Repátria*, e sobre seu trabalho como tradutora, o exercício de “retro-tradução” e de tradução de seus próprios textos? A tradução literalizante de alguns de seus poemas (especialmente os de *Repátria*) é uma escolha deliberada?

Francesca Cricelli: Há uma parte do livro *Repátria* que chamei de *intraduzidos* porque não consegui verter os poemas como queria ao português, mas queria que fizessem parte daquele livro. Quanto ao exercício específico desse livro, os poemas foram trabalhados ou “perlaborados”, como gosto de dizer roubando o termo “perlaboração” da psicanálise, longamente para que pudessem existir em formas análogas nas duas línguas. O exercício de verter um poema do italiano ao português ou vice-versa me fazia mudar o poema de partida, a tradução trazia um problema que colocava em cheque o original... algo muito peculiar e desenvolvido para esse livro. Não é algo que surge em outros poemas mais recentes, não é algo presente em meu próximo livro, *Inventário de ébano*. De toda forma, não posso separar a porta da tradutora, acho que estou sempre traduzindo, mesmo quando escrevo, uma tradução do pensamento e das imagens e sonoridades em palavras. Ora numa língua, ora em outra.

Cleber da Silva Luz e Sandro Adriano da Silva: *16 poemas + 1* apresenta poemas inéditos, mas a maior parte deles foi publicada em *Repátria*. Contudo, em *16 poemas + 1*, os poemas são vertidos para o inglês e para o espanhol, colocando em comunhão a tua palavra e a língua escolhida para essa versão dos poemas, às palavras e à língua de outros e outras. Também é o caso de *As curvas negras da terra*, em que se apresentam os poemas em língua portuguesa vertidos para o espanhol.



Como você vê esse trânsito entre línguas e vozes, que se materializam nessas obras bilíngue e trilíngue?

Francesca Cricelli: Acho que são projetos específicos que respondiam à necessidade daquele momento – meu *Repátria* estava esgotado e eu viajava pelo mundo participando de festivais, acabei fazendo uma edição “de autora”, registrei meu CNPJ como pequena editora, financiei minha publicação e parti para Nova York acompanhada por outras escritoras, Ana Rüsche e Ana Paiva, com nossos lindos livrinhos feitos pelo Bloco Gráfico. Nesses anos, eu havia feito leituras dos meus poemas em diversos círculos de poetas latino-americanos que moravam em Miami, participei do festival internacional de Granada, na Nicarágua, e precisava ter um livro em mãos, muitas das versões são minhas em colaboração com outros poetas que conheci viajando pelo mundo. Já a plaquette *As curvas negras da terra* integra o projeto editorial da Nosotros; editora capitaneada por Lubi Prates e Carla Kinzo que tem como foco autoras contemporâneas da América Latina. Em 2019, Lubi me convidou para publicar com elas e me senti muito honrada, fizemos essa linda plaquette, a capa é do meu amigo designer KinJin. Esse trânsito de línguas faz parte do meu próprio trânsito pelo mundo, pelo menos até chegar a pandemia e a maternidade. Enraizar-me e desterritorializar-me são movimentos contínuos, minha forma de existir. Mesmo agora em que estou há dois anos e meio sem deixar a Islândia, ainda preservo esses movimentos, pois corresponde à uma pulsão interna, não somente à concretude das viagens, mas algo que se carrega nas leituras, no fato de estar agora em outro país circundada por outra língua e vivendo a maternidade que é, a sua maneira, também uma forma de desterro. Tudo que eu tinha à disposição, que era tempo, agora se contrai e existe nas entrelinhas, respondo às suas perguntas no estacionamento do supermercado, antes de voltar para casa, ou na espera pela revisão do carro. Nesses intervalos, existo de outra forma, o trânsito entre as línguas segue esse fluxo que corresponde, muitas vezes, às escolhas afetivas e biográficas.

Cleber da Silva Luz e Sandro Adriano da Silva: A maior parte de sua produção literária se dá na poesia. Em entrevista à Mariana Mendes, da Casa Bondelê, em ocasião da FLIP 2018, você comenta que será “sempre poeta, mesmo escrevendo prosa”. Alguns textos de *Errância* transcendem as amarras de gênero, contudo, tomados isoladamente, como “Memória do vítreo/Prosa autoficcional”, é possível antever um desenho estético-formal mais próximo de uma narrativa lírica. E em “E agora que estou no futuro”, publicado na *Chiricú Journal*, você comenta fazer parte de um futuro romance autoficcional. Seus livros são pensados *a priori* como um projeto? Poderia comentar sobre este em especial, “esse campo aberto ao mistério”, como você afirma em “E se destituíssemos os anteparos?”

Francesca Cricelli: Acho que não há muito planejamento no campo da poesia, é um exercício quase diário e também como um diário, depois olho com atenção e vejo o que preciso descartar, manter, reescrever ou completar para fazer um livro. Comecei a escrever *Inventário de ébano* na sequência do *Repátria*, aos poucos, alguns poemas saíram em outras plaquettes ou revistas, outros não. Mas eu não pensei “vou escrever um novo livro”, simplesmente continuei escrevendo. Já o *Errância* nasceu após o convite da editora Lúcia Rosa, da Dulcinéia Catadora. Aí decidi escrever um livro de viagem, algumas das crônicas já haviam sido publicadas na revista *Cult*, outras não – neste caso, sentei e planejei o livro, antes sozinha, depois conversando com a editora. O texto autoficcional também foi escrito como convite de outra editora, Tatiana Lima, para a revista *Ventana Latina*, de Londres. Esse texto me impulsionou a pensar numa novela/romance com questões autoficcionais ou, como diz minha amiga Anita Deak, alter-ficcionais, pois trata-se sempre de uma alteridade. Por enquanto, está em pausa, produzi outro trecho que saiu na revista *Chiricú*, mas antes tive que me dedicar ao doutorado, depois minha mudança para a Islândia consumiu muita energia, os trabalhos de tradução etc., aí veio a gravidez, maternidade. Tive que fazer espaço para a vida que pede para ser vivida, não escrita. Mas sigo sempre escrevendo,



de alguma forma, sem datas de entrega. No meio tempo, a partir de novas leituras, tive a ideia de outra novela, de ficção, também abordando a maternidade. Acho que o campo aberto ao mistério é sempre habitado pela poesia, na prosa há mais controle e outro tipo de pesquisa. Por agora, conseguir revisar e entregar meu livro de poemas já será uma conquista, depois aos poucos, voltar a escrever. Na prosa sim, acho que há mais planejamento prévio, na poesia é a edição da produção que vai apontando o caminho de um livro.

Cleber da Silva Luz e Sandro Adriano da Silva: Em conversa com a escritora Carola Saavedra, publicada pelo *Jornal Rascunho*, em 2021, você comenta a experiência de um “exílio linguístico”, vivenciada na ocasião de sua mudança para a Islândia, que gerou uma espécie de sentimento de perda da “persona pública” que era. Como você observa as reverberações desse autoexílio e a sensação de ser “sequestrada”, em relação à assertiva de que “em nós fala um outro”, afirmação que dá título à conversa entre você e Carola?

Francesca Cricelli: A sensação de sequestro nasce da desconstrução da imagem que tinha de mim mesma, muito amparada pelo trabalho, pelas relações sociais, amizades, sensação de pertencimento a um meio, domínio da língua. De repente tudo isso se perdeu, por uma escolha própria. Como no poema “a minha língua aqui é muda” do meu livro vindouro, é preciso deixar algo para trás para que o novo encontre lugar, como abandonar uma antiga pele, carapaça, algo assim. Um tipo de morte. Algo cessa de existir, não por completo, mas se desfaz, a partir desse silêncio um novo som, a partir desse vazio um novo corpo. Não há como fazer essa passagem sem viver um luto, a dificuldade foi ter uma escolha tão íntima e pessoal, rodeada por questões incontornáveis e incontornáveis como a pandemia, tantas mortes, o estado de abandono do Brasil, um país tomado pelo espírito perdedor e conservador... então as sensações se amplificam. Há uma solidão por estar em outro meio em que

ninguém conhece a história do seu país, da sua língua... há um apagamento. Acho que em paralelo a estas questões há o fato de que em nós fala um outro. Nunca somos, por sorte, totalmente acessíveis a nós mesmos. A escrita é essa baixa maré que deixa em evidência o que há sob a superfície, as pedras, as algas, como diz uma das personagens do romance *A casa do pai*, de Karmele Jaio. Também escrevi essa imagem numa carta que publiquei na revista *Deriva*, endereçada ao escritor Julián Fuks após ler seu romance *A ocupação*. Enfim, sinto que na escrita há o espaço para essa voz, este outro que fala através da ficção, da invenção.

Cleber da Silva Luz e Sandro Adriano da Silva: Ainda sobre a tradução de poesia, você poderia comentar sobre esse trânsito transcultural e transpoético?

Francesca Cricelli: Acho que muito da minha apreensão do mundo se dá pela tradução, traduzir é uma forma de leitura profunda, para mim. Me interessa também o que no momento se faz necessário para minha sobrevivência, tanto física quanto psíquica, por exemplo, traduzo sempre algum poema do islandês para o português e italiano. Vou assim aprendendo a língua e me apropriando um pouco da tradição do país que me hospeda nesse momento, uma troca. As traduções também alimentam minha própria escrita, veja o poema que traduzi hoje para a página “um poema nórdico ao dia”, é impossível não se sentir tocada e impelida a responder com outro poema, que sei que virá, mais cedo ou mais tarde:

IDENTIDADE

O meu coração
é um pássaro a oeste em Flatey
Como você
um ser complexo
seria capaz de entender isso



IDENTITÀ

Il mio cuore
è un passero ad ovest a Flatey
Come saresti tu
un essere complesso
in grado di capirlo

[SJÁLFSMYND]

Hjartað í mér
er fugl vestur í Flatey
Hvernig ættir þú
margslungna manneskja
að geta skilið það

(Nína Björk Árnadóttir)

(traduzido do islandês por/tradotto dall'islandese da Francesca Cricelli)

Cleber da Silva Luz e Sandro Adriano da Silva: Ungaretti, poeta que você traduziu e sobre o qual escreveu uma tese, afirma que a poesia pertence a “duas ordens de problemas: os problemas do ofício e os da inspiração”. Você concorda com essa perspectiva? Poderia comentar um pouco sobre a influência do poeta em sua obra?

Francesca Cricelli: Poderia falar daqui até o infinito sobre Ungaretti. Poeta do meu coração, de cabeceira, primeiro inigualável amor poético. Não sei exatamente de onde você tirou essa citação traduzida de Ungaretti, mas pensando aqui sem abrir os livros, lembro-me do que ele dizia sobre o trabalho da poesia, no seu caso algo que ele fazia nos recortes do tempo possível entre seus outros trabalhos para sustentar a família, mas também o trabalho do fazer poético, que ao escrever um poema segue-se um som, uma ideia, mas nunca é realmente o que imaginamos aquilo que de fato conseguimos escrever, Ungaretti afirma, se não me engano numa entrevista concedida à RAI, “a palavra é sempre impotente”. A poesia também sempre foi um trabalho

arqueológico para Ungaretti, pensemos em seu primeiro livro *Il Porto Sepolto*, ele era obcecado pela ideia de memória e inocência, a poesia como veículo para recuperar algo perdido, alguma verdade última, conciliar essas duas coisas impossíveis, a inocência diante da passagem do tempo, do acúmulo de memória. Será que respondi ao que você me perguntou? Ah, a influência dele... imensa. Talvez no *Repátria* seja mais evidente com o tipo de versos mais enxutos, Ungaretti tem essa característica de expressar-se, pelo menos o primeiro Ungaretti, por fragmentos, penso aqui na resenha que Haroldo publicou nos anos 70 sobre sua poesia, *Ungaretti e a estética do fragmento*³, também retomado mais tarde em *Ungaretti: o efeito de fratura abissal*⁴. Outro aspecto muito importante para mim é justamente o trânsito de Ungaretti entre seus países e línguas, italiano nascido no Egito criado na francofonia... viveu no Brasil, sofreu grandes dores e perdas, não por acaso sua obra completa se chama *Vita d'un uomo*, vida de um homem.

Cleber da Silva Luz e Sandro Adriano da Silva: Para além de Dante, Leopardi, Calvino, Pavese, Eco e, mais recentemente o fenômeno Elena Ferrante, como você avalia a presença da literatura italiana no Brasil, em termos tanto de mercado editorial como de público leitor? Poderia comentar, especialmente o caso da poesia italiana (Enrico Testa, Caproni, Pasolini, Sereni, Antonella Anedda...)

Francesca Cricelli: Vou comentar o que concerne ao meu trabalho, ou seja, tradução literária para o mercado editorial. Ferrante foi reabrindo um espaço para a literatura italiana, tanto contemporânea quanto moderna e até medieval (veja-se a edição com nova tradução da Divina Comédia), não quero dizer que isso seja ligado à Ferrante, mas que os olhos do público leitor estão mais abertos e atentos. Para

3 CAMPOS, Haroldo de. Ungaretti e a estética do fragmento. In: UNGARETTI, Giuseppe. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 77-90.

4 CAMPOS, Haroldo de. Ungaretti: o efeito de fratura abissal. In: UNGARETTI, Giuseppe. *Daquela estrela à outra*. Trad. Haroldo de Campos e Aurora Bernardini. Lucia Wataghin (Org.). São Paulo: Ateliê, 2003, p. 187-194.



além de Ferrante, acho que a maior expansão veio com a chegada de Igiaba Scego através da editora Nós, com certeza Simone Paulino é uma das editoras mais corajosas e inovadoras que temos. Há carência de traduções de poesia italiana porque em geral há carência de um espaço para estes livros no mercado, não são tantos os leitores, então há muitas boas traduções espalhadas em revistas, especialmente eletrônicas. No campo da tradução de poesia italiana contemporânea acho importante lembrar-nos dos nomes dos tradutores e pesquisadores Maurício Santana Dias (Pasolini, Sereni), Patricia Peterle (Enrico Testa, Caproni), Lucia Wataghin (não só Ungaretti, mas tantos outros não contemporâneos como Dino Campana, as colaborações com Patricia Peterle), também Prisca Agustoni (Fabio Pusterla), Claudia Alves (Patrizia Cavalli). A dificuldade é ter um financiamento para levar a cabo um projeto de tradução de poesia.

Cleber da Silva Luz e Sandro Adriano da Silva: Um dos temas poéticos de sua obra é o corpo, o erotismo feminino e suas figurações. Poderia comentar sobre essa “erótica verbal”, como propõe Octavio Paz?

Francesca Cricelli: Sempre tive dificuldade de ver minha poesia sob essa lente, do erotismo, do corpo, mas quando li o recorte que a professora Ana Cristina Joaquim fez na belíssima coleção de antologias “Anamorfose”, me convenci que sim, havia também isso em minha poesia. Em relação à erótica verbal proposta por Paz você entende o que ele elucida no livro *Dupla Chama: o amor e o erotismo*? Pensei aqui em “a poesia erotiza a linguagem e o mundo que ela própria, em seu modo de operação, já é erotismo”. Acho que poderíamos reler Paz partindo da leitura de poemas escritos por mulheres, um pouco na contramão dos poetas trovadores, ou talvez só salvando as trobariz, as trovadoras, mas é claro que digo isso como provocação! Mas acho que caberia melhor do que qualquer comentário, aqui, este poema de Wislawa Szymborska que vai além do erotismo:

OPINIÃO SOBRE A PORNOGRAFIA

Não há devassidão maior que o pensamento.

Essa diabrura prolifera como erva daninha
num canteiro demarcado para margaridas.

Para aqueles que pensam, nada é sagrado.
O topete de chamar as coisas pelos nomes,
a dissolução da análise, a impudícia da síntese,
a perseguição selvagem e debochada dos fatos nus,
o tatear indecente de temas delicados,
a desova das ideias — é disso que eles gostam.

À luz do dia ou na escuridão da noite
se juntam aos pares, triângulos e círculos.
Pouco importa ali o sexo e a idade dos parceiros.
Seus olhos brilham, as faces queimam.
Um amigo desvirtua o outro.
Filhas depravadas degeneram o pai.
O irmão leva a irmã mais nova para o mau caminho.

Preferem o sabor de outros frutos
da árvore proibida do conhecimento
do que os traseiros rosados das revistas ilustradas,
toda essa pornografia na verdade simplória.
Os livros que os divertem não têm figuras.
A única variedade são certas frases
marcadas com a unha ou com o lápis.

É chocante em que posições,
com que escandalosa simplicidade
um intelecto emprenha o outro!
Tais posições nem o Kamasutra conhece.



Durante esses encontros só o chá ferve.
As pessoas sentam nas cadeiras, movem os lábios.
Cada qual coloca sua própria perna uma sobre a outra.
Dessa maneira um pé toca o chão,
o outro balança livremente no ar.
Só de vez em quando alguém se levanta,
se aproxima da janela
e pela fresta da cortina
espia a rua.